

As pragas no êxodo dos Judeus do Egipto: abordagem epidemiológica e contributo para o esclarecimento da origem do símbolo da Medicina

The role of plagues in the Jews exodus from Egypt: epidemiological approach and contribution to clarifying the origin of the symbol of Medicine

J. A. David de Moraes

Resumo

Como é sabido, a interpretação puramente teológica da Bíblia está ultrapassada. Impõe-se, pois, hoje em dia, abordar os textos bíblicos sob uma óptica multidisciplinar e integrada ou “complementarista”: teológica, arqueológica, antropológica, mitológica, sociológica, paleoclimatológica, epidemiológica, etc. Outrossim, a assumpção de que os factos da Bíblia, designadamente do Velho Testamento, ocorreram conforme ali se relatam não poderá, à luz dos progressos científicos actuais, ser aceite de forma linear. Todavia, muitos desses factos tiveram, com efeito, lugar e persistiram no tempo, durante vários séculos, por via da tradição oral, sendo subsequentemente fixados em textos segundo uma visão coerente com o contexto religioso e cultural então vigentes. Assim, as epidemias descritas no êxodo dos Judeus do Egipto constituem um palimpsesto respeitante a surtos epidémicos diversos, correlacionáveis, na sua maioria, com as alterações climáticas então ocorridas no Médio Oriente.

Palavras chave: êxodo dos Judeus do Egipto, epidemias, símbolo da Medicina, caduceu.

Abstract

As it is widely known, the pure theological interpretation of the Bible is outdated. At present, we must approach biblical texts with multiple, integrated, or complementary approaches as theology, archeology, anthropology, mythology, sociology, paleoclimatology, epidemiology, etc. The assumption that events reported in the Bible, especially in the Old Testament, happened as they were described can no longer be accepted in an outright fashion, in the light of current scientific progress. However, many of the biblical narratives are based in events that took place, surviving for several centuries through oral tradition from one generation to the other being written down at a later stage, according to a vision coherent with the religious and cultural context of the time. Thus, the plagues described in Jews exodus from Egypt constitute a palimpsest of different epidemical outbreaks correlated mainly with climatic changes that occurred then in the Middle East. Key words: Jews exodus from Egypt, epidemics, symbol of medicine, caduceus.

“In this world nothing can be said to be certain, except death and taxes.”

Benjamin Franklin (1706-1790)

INTRODUÇÃO

A abordagem moderna da História tem permitido a aquisição de conhecimentos relevantes sobre épocas pretéritas para as quais as fontes escritas são escassas ou inexistentes. Em especial no que respeita ao estudo de surtos epidémicos, as investigações complementares da Arqueologia, Dendrologia, datação do carbono 14, estratigrafia das ‘neves eternas’, Paleoclimatologia,

Paleoecologia, etc., têm facultado uma melhor compreensão dos contextos climatológico e epidemiológico em que essas epidemias ocorreram. No que respeita ao putativo Êxodo dos Judeus do Egipto, complementarmente a outros domínios, dispomos também de fontes bíblicas (*Pentateuco*).^{1,2,3} Todavia, como referiu o teólogo inglês Martyn Percy, “a Bíblia não foi enviada do céu por fax” – é uma criação humana –, pelo que os acontecimentos ali descritos deverão ser criteriosamente escrutinados. Importará, porém, notar que muitos dos factos descritos na Bíblia ocorreram, efectivamente, mas, como é óbvio, não como cronológica e (con)textualmente ali são relatados. A

Chefe de Clínica de Medicina Interna do Hospital do Espírito Santo de Évora e professor da Universidade de Évora (aposentado).

Recebido para publicação a 28.08.12

Aceite para publicação a 09.01.13

tradição oral manteve a memória desses factos que, só vários séculos depois, foram fixados, numa descrição coerente e acessível aos seus destinatários, visando a doutrinação adoptada pela religião monoteísta então emergente. Enfatize-se que, historiograficamente, nem sequer a existência do patriarca Moisés está provada:⁴ “(...) As religiões foram as primeiras grandes invenções dos escritores de ficção. (...)”⁵ Assim, uma coisa é o relato catequético bíblico e outra são as epidemias que ocorreram no Egipto setentrional e na Península do Sinai, ao longo dos tempos, e a partir das quais foi feita uma ‘colagem’ ficcionada.

AS PRAGAS DO EGIPTO: ABORDAGEM HISTÓRICO-EPIDEMIOLÓGICA

Neste trabalho, procedemos à análise comparativa de dois livros da Bíblia, *Êxodo* e *Números*.^{1,2} Outrossim, recorreremos também a diversas publicações que analisam a História hebraica dessa época e dessa região (Egipto/Sinai).^{6,7,8,9,10,11,12,13} Neste estudo, utilizámos uma abordagem integrada, segundo a ‘metodologia’ complementarista de George Devereux.¹⁴

As dez ‘pragas’ do Êxodo podem, por razões de pura sistematização, agrupar-se em: pragas de índole epidemiológica (infecciosas e parasitárias), climatológica (‘pragas’ da saraiva e das trevas) e antro-po-psicanalítica (morte dos primogénitos). Todavia, importará referir que todos os acontecimentos relatados se correlacionaram com alterações climáticas importantes, como aliás a Paleoclimatologia o tem corroborado.^{15,16,17,18}

Comecemos por analisar, de acordo com a tradição bíblica, o cenário e os personagens do Êxodo. No século XVII a.C., abateu-se sobre o Médio Oriente uma seca de grandes impactos, o que levou os Hebreus a deslocarem-se às terras férteis do Egipto para comprar alimentos: “Assim, vieram os filhos de Israel para comprar [mantimentos] (...), porque havia fome na terra de Canaan.” – *Génesis* 42: 5. Todavia, como a seca se prolongou – “E a fome era gravíssima na terra, (...) e aconteceu que acabaram de comer o mantimento que trouxeram do Egipto.”, *Génesis* 43: 1-2 –, os Hebreus migraram então para o Baixo Nilo, onde já se encontrava um membro da tribo, José, então protegido do Faraó, que o fez seu governador depois de ele ter interpretado o seu sonho das “sete vacas gordas e sete vacas magras” (sete anos de abundância, seguidos de sete anos de fome) – *Génesis* 41: 1-37.¹⁹

Os Hebreus teriam permanecido no Egipto durante 430 anos (*Êxodo* 12: 40), após o que decidiram regres-

sar à sua Terra Prometida. As chuvas tinham voltado e, sendo um povo de pastores (o patriarca Abraão, ‘pai’ da nação hebraica, era um pastor transumante), queriam retornar aos pastos férteis do Vale do Jordão. E sabemos que as chuvas tinham voltado porque, posteriormente, quando Moisés mandou 12 espíões a Canaan, eles regressaram trazendo uvas, figos e romãs, e proclamaram que ali “verdadeiramente mana leite e mel” e “é terra que consome os seus moradores” (*Números* 13: 23, 27, 32), isto é, a fertilidade do território tinha-se refeito e as florestas ‘consumiam’ (ocultavam) as populações locais.

Face à recusa do Faraó em deixar partir os Hebreus, Moisés, por inspiração do Deus Jeová, anunciou, sucessivamente, as ‘dez pragas do Egipto’ (*Êxodo* 7-10):

- 1^a: As águas tornaram-se em sangue;
- 2^a: A praga das rãs;
- 3^a: A praga dos mosquitos;
- 4^a: A praga das moscas;
- 5^a: A praga da peste nos animais;
- 6^a: A praga das úlceras nos homens e nos animais;
- 7^a: A praga da saraiva;
- 8^a: A praga dos gafanhotos;
- 9^a: A praga das trevas;
- 10^a: A morte dos primogénitos.

Podemos até conjecturar que não tenham ocorrido exactamente dez pragas: dez é um número cabalístico,²⁰ que aliás foi vertido para os textos bíblicos várias vezes, com carácter simbólico, significando os poderes de Jeová. Outrossim, o que a tradição oral concentrou num relativamente curto período de tempo deverá ter correspondido a factos que teriam ocorrido em épocas diversas, acabando esses factos por se aglutinarem e conferirem uma certa coerência aos relatos transcendentais respeitantes a esse acontecimento de importância major para os Judeus – o Êxodo.

No essencial, podemos dizer que havendo, então, abundantes chuvas, as rãs e os mosquitos proliferaram – importa esclarecer que nas antigas versões da Bíblia a 3^a praga foi traduzida como sendo de “piolhos”,¹ mas as modernas versões bíblicas já corrigiram o vocábulo para mosquitos.²

• Algum cuidado analítico merece logo a 1^a praga: a existência de sangue “nas águas”. Este facto tem sido interpretado por alguns autores como a ocorrência de grandes chuvadas que traziam argila vermelha das terras do Alto Nilo ou como a proliferação de algas



Ciclo do *Schistosoma haematobium*, parasitose hiperendêmica no Egípto (reproduzido de P. Bourée, 1989).⁴⁷

FIG. 1

vermelhas, isto é, a ocorrência de um processo de eutrofização do rio.²¹ Colin Humphreys, por exemplo, insiste na subsequente morte dos peixes, devido às toxinas das algas²¹ – mas as rãs não morreram... Recordemos o versículo em causa: “Disse mais o Senhor a Moisés (...): Sobre as águas do Egípto, sobre as suas correntes, sobre os seus rios, e sobre os seus tanques, e sobre todo o ajuntamento das suas águas, para que se tornem em sangue; e haja sangue em toda a terra do Egípto, assim nos vasos de madeira como nos de pedra.” – Êxodo 7: 19. A nossa atenção deverá, pois, centrar-se no que é essencial no texto: “E haja sangue em toda a terra do Egípto [não apenas no rio Nilo], assim nos vasos de madeira como nos de pedra”. Ora, os “vasos” de madeira e de pedra são, em toda a evidência, os chamados “vasos de quarto” (vulgo, bacios), que, por sinal, as escavações arqueológicas têm posto a descoberto: a este propósito vejam-se, por exemplo, as fotografias de escavações arqueológicas feitas no Egípto faraônico existentes na *New York Academy of Medicine* e reproduzidas no monumental livro *Medicine. An Illustrated History*.⁶ O sangue nas “águas”, isto é, na urina (ainda hoje, em gíria popular, se diz “verter águas”), poderia

corresponder à hematúria provocada por infecções por *Schistosoma haematobium* (Fig. 1). Lembremos que o *S. haematobium*, agente da bilharziose ou schistosomose urinária, era e é endêmico na região: o vale do Nilo ainda hoje ostenta uma das maiores incidências mundiais desta parasitose, que atinge, em certas tribos da África Oriental, valores tão elevados (a quase totalidade da população) que ali se acredita que os rapazes também são menstruosos, quando começam a urinar sangue... E a difusão da doença pelo islamismo determinaria mesmo, mais tarde, a sua introdução inclusivamente no Algarve, donde só foi erradicada a meio do século passado: era a chamada “doença das lavadeiras”.²² Aliás, a hematúria está descrita em papiros da época faraônica: por exemplo, no papiro de Ebers, depositado na Universidade de Leipzig, na Alemanha, datável de cerca de 1550 a.C.^{23,24} Outrossim, foram identificados ovos calcificados deste parasita em múmias do antigo Egípto^{6,25,26} e, mais recentemente, até se detectaram antígenos circulantes em tecidos de múmias.^{27,28}

Os factos ficam agora bem mais claros e plausíveis: as chuvas intensas teriam produzido importantes criadouros de *Bulinus sp.* – os caracóis disseminadores da parasitose – que propiciaram o aparecimento de uma epidemia de schistosomose urinária, cujo sintoma mais relevante é a hematúria.

- Quanto à “peste nos animais”: “Eis que a mão do Senhor será sobre o teu gado que está no campo, (...) com pestilência gravíssima. (...) E todo o gado dos egípcios morreu; porém, do gado dos filhos de Israel, não morreu nenhum.” (Êxodo 9: 3, 6) – surge aqui o carácter efabulatório da narrativa, poupando o gado dos Hebreus. Dada a proliferação de mosquitos, devido às abundantes chuvas – “E houve mosquitos sobre os homens e sobre os animais.” (Êxodo 8: 13)² –, esta praga poderia, etiologicamente, ter resultado de várias arboviroses de que, na região em causa, a mais plausível seria a Febre do Vale do Rift (alguns autores sugerem antes a “doença da língua azul” ou a tripanossomose, mas esta última parasitose atinge também o homem, o que não consta do texto bíblico). Lembremos que ainda recentemente, na sequência da proliferação de mosquitos dos géneros *Culex* e *Aedes*, uma epizootia matou milhares de cabeças de gado na Arábia Saudita e no Yemen: então, a Febre do Vale do Rift manifestou-se pela primeira vez fora de África, tendo sido introduzida na Arábia Saudita por gados importados do Sudão.^{29,30} Mais uma vez, as chuvas que se abateram na região teriam propiciado criadouros para a proliferação de mosquitos, como aliás



Rota do Êxodo dos Judeus do Egípto (a crédito de: <http://teachinghearts.org/dre00maps.html>): à direita está assinalado o local da ocorrência da 'praga das serpentes'.⁴⁸

FIG. 2

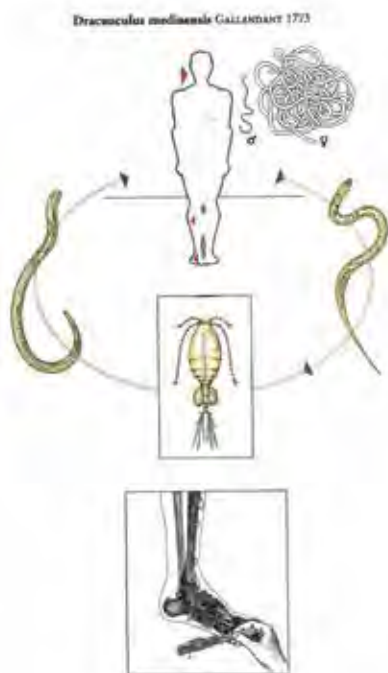
aconteceu, por exemplo, no Kenya, em 1997, aquando de uma epidemia de febre do Vale do Rift.³¹

• A praga seguinte, a ocorrência de “úlceras”, afigura-se algo mais difícil de interpretar: “E haverá nos homens e nos animais úlceras com erupções de pústulas por toda a terra do Egípto.” – Êxodo 9: 10. Fazemos notar que nas versões da vulgata da Bíblia aparece, neste versículo, o vocábulo “sarna”,¹ mas as traduções modernas corrigiram-no, avisada e correctamente, para “úlceras” pustulentas.² Tem-se opinado que as úlceras pustulentas poderiam corresponder a um surto epidémico de carbúnculo, na sua forma de “pústula maligna” ou antraz.⁹ Porém, à luz da epidemiologia da região, a sexta praga parece corresponder antes a uma epidemia de miasmas, uma vez que ela foi precedida da praga das moscas, sendo que estes insectos proliferam, maciçamente, em anos chuvosos e onde existem gados e estrume abundantes (as miasmas resultam da deposição de ovos de moscas na região hipodérmica, quer dos homens quer dos animais, cujas larvas, para se exteriorizarem, dão origem a pústulas, que por vezes infectam secundariamente).³²

• A praga dos gafanhotos é de interpretação mais linear: a região é, historicamente, um dos cadinhos onde, nos anos de vegetação mais abundante (mais chuvosos), se originam, ciclicamente, pragas de gafanhotos, que se estendem por todo o continente e até mesmo pelo sul da Europa. Outrossim, as pragas de gafanhotos deslocam-se quando os ventos lhes são propícios: “Pela manhã, o vento oriental trouxe os gafanhotos.” – Êxodo 10: 13. Ainda em 2004, por exemplo, uma praga destes insectos assolou as Canárias e atingiu mesmo o Algarve: “(...) Milhares de gafanhotos vermelhos estão desde domingo a invadir as praias e arribas da costa oeste do Algarve. (...)”³³

• No que concerne à nona praga – “E Moisés estendeu a sua mão para o céu, e houve trevas espessas em toda a terra do Egípto por três dias.” (Êxodo 10: 22) –, muitos autores têm-na relacionado com a erupção do vulcão da Ilha de Santorini, então ocorrida no mar Egeu: estudos modernos de arqueologia mostram que a nuvem de poeiras desse vulcão atingiu, com efeito, a região setentrional do Egípto. Todavia, para além desta ocorrência fortuita, haverá que lembrar que este fenómeno se repete praticamente todos os anos, no final do Inverno e no princípio da Primavera: é o chamado *khamsin*, um “(...) vento quente, seco, carregado de areia, que se diz soprar durante cinquenta dias (“cinquenta” é o significado literal em árabe), dos desertos do Sudeste do Egípto (...)”³⁴ Aliás, fenómeno semelhante teria acontecido aquando da crucificação de Cristo: “E desde a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até à hora nona.” – Mateus 27: 45.

• A décima praga, a morte dos primogénitos, já nada teria a ver com causas naturais, impondo-se, portanto, uma abordagem bastante diferente e cautelosa – “(...) *The tenth (...) is the one plague for which no rational explanation can be given. It belongs entirely to the category of the supernatural. (...)*”³⁵ É certo que alguns autores perfilham a hipótese climática: os cereais armazenados em silos rudimentares teriam levado à proliferação de fungos produtores de micotoxinas, que podem ser letais. Face à fome, defendem esses autores, os cereais seriam preferentemente utilizados na alimentação dos filhos primogénitos que, por tal motivo, viriam a morrer.²¹ Ora, não é plausível que tão-só os primogénitos usufríssem do direito de consumir os cereais, devendo antes, pelo contrário, pertencer ao *pater familias* e às elites dos governantes e sacerdotes esse hipotético privilégio. Demais, não foram apenas os primogénitos dos egípcios os atingidos, mas também os dos ani-



Ciclo do *Dracunculus medinensis*; em baixo, a técnica de extracção do parasita (reproduzido, com simplificações, de G. Piekarski, 1962).⁴⁹

FIG. 3

mais, que não consumiam os então escassos cereais: “E aconteceu, à meia-noite, que o Senhor feriu todos os primogénitos na terra do Egipto, desde o primogénito do Faraó (...) até ao primogénito do cativo (...), e todos os primogénitos dos animais.” [ênfases nossas] – Êxodo 12: 29. Assim, os defensores de “causas naturais” para a praga dos primogénitos escamoteiam certas passagens deste versículo ou avançam com explicações espúrias.²¹ Em nosso entendimento, a metodologia analítica a utilizar na abordagem da décima praga deverá situar-se no domínio do subjectivo, no domínio antro-po-psicanalítico.^{14,36,37,38,39,40} A suma importância do investimento parental no filho primogénito era uma constante na matriz cultural dos povos do Mediterrâneo Oriental, e ainda hoje em dia se mantém na cultura judaica (existe até um certo anedotário a respeito deste facto); aliás, essa importância transbordou mesmo para praticamente toda a Europa, e manteve-se até tarde, através da instituição dos morgadios: só o filho varão primogénito herdava (os morgadios só viriam a ser extintos em Portugal no reinado de D. Luís I, por Carta de Lei de 19 de Maio de 1863). Lembremos que



Exteriorização de um verme de *D. medinensis* ou “serpente de Medina” (reproduzido de W. Peters, H. M. Gilles, 1991: a crédito de B. M. Greenwood).⁵⁰

FIG. 4

os judeus tinham sido objecto de sérias violentações por parte do Faraó: eliminação sumária à nascença de todas as crianças do sexo masculino, por afogamento no Nilo, a que Moisés teria sobrevivido por astúcia da sua mãe; pesados tributos; escravização, etc. – Êxodo 1: 11, 14, 22. Neste contexto, a presuntiva morte dos primogénitos egípcios foi apenas a projecção, feita verbo, de um desejo homicida, hediondo, e que, por isso mesmo, não podia ser assumido pelos Hebreus, pelo que a autoria ‘moral’ do mesmo foi imputada a Jeová, esse Deus vingativo: teria sido Ele a enviar “o anjo da morte”, “o anjo exterminador” – que poupou, naturalmente, os primogénitos judeus... Não podendo os escravizados Hebreus, no plano prático, tirar desforço da tirania dos seus opressores (na sua matriz cultural – leia-se, comportamental –, a agressividade fora recalçada),^{37,40} limitaram-se, pois, a efabular uma vingança *subconsciente*. Assim, a suposta morte dos primogénitos não passou, pois, de um desejo, apenas só ‘concretizado’ no domínio da *psique*. Sigmund Freud (um hebreu que, tendo vivido sob o nazismo, compreendia muito bem os desejos recalçados dos Judeus)



Ao extrair a “serpente de Medina”, enrolando-a numa haste, Moisés transformou-a no símbolo da Medicina (século XIII a.C.) – colecção de diapositivos: a crédito de Janssen Pharmaceutica, Bélgica.)

FIG. 5

viria, séculos mais tarde, a discorrer sobre as ‘mortes’ idealizadas ou efabuladas, ‘concretizadas’ apenas no domínio do subjectivo;⁴¹ e o psicanalista Theodore Reik (1888-1969) dizia que com um bom ‘assassínio mental’ por dia não seriam necessários psiquiatras.⁴²

• Mas, facto de capital importância para a História da Medicina sob a óptica do simbólico, teria ocorrido ainda mais uma ‘praga’ – a décima primeira –, esta já aquando das deambulações do “Povo Eleito” pelo deserto do Sinai: “*Então o Senhor mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo.*” – Números 21: 6 (Fig. 2). A fantasia dos artistas, em especial dos pintores, levou-os a conceberem quadros com investidas de múltiplas serpentes, enroscando-se e mordendo os Hebreus, o que acabaria por marcar, manifestamente, o imaginário popular. Começemos por considerar a epidemiologia local: da região de Medina, na Península Arábica, é originário um helminta, taxonomicamente classificado como *Dracunculus medinensis*. O seu ciclo evolutivo implica a existência do homem como reservatório definitivo e de artrópodos aquáticos microscópicos, do género *Cyclops*, como hospedeiros intermediários (Fig. 3). O homem infecta-se ao ingerir água com aqueles *Cyclops* contendo larvas do parasita; estas, desenvolvendo-se no organismo humano até à forma de parasitas adultos, irão produzir larvas rabiiformes. Quando o indivíduo infectado penetra na água (para se reabastecer deste líquido, tomar banho ou lavar roupa) a fêmea do *D. medinensis* exterioriza-se através da pele, habitualmente nos membros inferiores, e faz a deposição de numerosas larvas, reiniciando-se o ciclo. Ora, enquanto o macho do *D. medinensis*

mede apenas cerca de 4 cm de comprimento, a fêmea chega a atingir até 1,20 m (Figs. 3 e 4). O tratamento tradicional para a extracção do verme adulto fêmea é o mesmo desde há milénios, e consiste em prender a extremidade exteriorizada do verme num pequeno pedaço de madeira, que se vai enrolando um pouco, diariamente, até à extracção total do parasita (Fig. 3). Se, eventualmente, se arrancasse a porção visível do parasita, tal conduziria à sua morte, seguindo-se uma infecção, por decomposição do nemátodo, que poderia culminar numa septicemia e no exitus do paciente. Sigamos agora o texto bíblico: “*Então o Senhor mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo [que] veio a Moisés e disse: ora ao Senhor para que tire de nós estas serpentes.*” – Números 21: 6-7. Notemos que os taxonomistas e nós médicos somos o seu tanto ‘exagerados’ na classificação do parasita em questão, dado que *Dracunculus medinensis* significa, literalmente, “dragão de Medina”. Bem mais realistas eram os povos do Médio Oriente que o classificavam como uma serpente, a “serpente de Medina” (Lineu ainda não tinha nascido e, conseqüentemente, a distinção entre nemátodos e ofídios era completamente ignorada). Salientamos que na transcrição bíblica feita supra, especifica-se que as “serpentes” eram “ardentes”; de feito, antes de o *D. medinensis* se exteriorizar forma-se nesse local uma pápula, deveras pruriginosa ou ardente. Demais, o versículo bíblico especifica que o povo pediu a Moisés: “*Ora ao Senhor para que tire de nós estas serpentes.*”. “Tirar de nós” – que não ‘afastar de nós’ – tem implícita a ideia de que as “serpentes” estariam no interior do organismo dos Hebreus em errância numa região endémica de dracunculose. Então, teria sido Moisés, o chefe e curandeiro da tribo, a tratar os indivíduos parasitados, seguindo a técnica tradicional de extracção das “serpentes de Medina” (Fig. 5) – ele já teria estado nesta região quando matara um soldado egípcio e teve de fugir da fúria do faraó, casando-se mesmo com uma das filhas de Jetro, o chefe dos madianitas ou medianitas, uma tribo aparentada com os Hebreus – Êxodo 3: 1. Subsequentemente, “*Moisés fez uma serpente de metal, e pô-la sobre uma haste*” (Números 21: 9), que passou a ser o símbolo da Medicina, sendo levada para o Templo, em Jerusalém – 2 Reis 18: 4. Neste passo, adivinha-se que os leitores mais atentos coloquem a seguinte dúvida: mas o símbolo da Medicina, uma serpente enrolada numa haste ou bastão, não veio da Grécia hipocrática? Na verdade, foi fundamentalmente em Epidauro que esta simbologia atingiu o seu apogeu,



O caduceu de Hermes é utilizado em muitas instituições de saúde de vários países como o símbolo da Medicina.

FIG. 6

em especial nos séculos IV e V a.C., mas, enfatize-se, o Êxodo dos Judeus já teria ocorrido cerca de oito séculos antes. Cumpre lembrar que o povo genericamente designado por “gregos” não era originário da Grécia: resultou, sim, do caldeamento de vários povos que migraram de oriente – Jônios, Aqueus, Eólios, Dórios – e que, obviamente, transportaram consigo as suas crenças e símbolos, entre eles o da Medicina. É certo que Esculápio ostenta como símbolo um bastão com a serpente, mas quem visite os museus arqueológicos da Grécia verifica que tal símbolo é recorrente em muita da sua estatuária.⁴³ Já o pai de Esculápio, Apolo, era representado com tal símbolo, que surge também na deusa Atena, em Higeia, Laocoonte, etc. Demais, Apolo era venerado em Delfos, que não em Epidauro, e a serpente que ostenta não tem nada a ver com a Medicina: simboliza, sim, a sua vitória sobre o dragão fêmea, a Piton⁴⁴. Aliás, alguns autores situam mesmo a origem da serpente como símbolo da Medicina na Assíria, na Índia ou na China, que não na Grécia.⁴² Importará, por fim, enfatizar que, a nível mundial, em muitas institui-

ções médicas não é a serpente de Esculápio que é tida como logótipo da Medicina, mas sim o tão conhecido caduceu de Hermes ou Mercúrio: duas serpentes enroladas num bastão. Walter Friedlander, por exemplo, num estudo que efectuou nos USA, apurou que nos hospitais americanos só 37% usavam as insígnias de Esculápio, enquanto 63% tinham como símbolo o caduceu de Mercúrio⁴⁵ (Fig. 6). A sua adopção como logótipo da Medicina teria a ver com o facto de Hermes ser patrono da Alquimia, uma ciência hermética; ora, o estudo da Alquimia incluía a Farmacologia, a Metalurgia e a Medicina.

DISCUSSÃO

O fundamentalismo religioso – cristão, judaico e islâmico – tem reclamado para si o exclusivo da interpretação dos textos bíblicos, e fá-lo, obviamente, segundo uma óptica (apenas) teológica. Todavia, os novos modelos interpretativos (‘complementarismo’ de Georges Devereux, ‘modelo sistémico’, ‘modelo comportamental’ do Tavistock Institute, etc.) ensinam-nos que devemos rejeitar as interpretações lineares e reducionistas. Se um objecto de estudo for observado apenas de um determinado ângulo, a percepção desse objecto torna-se incompleta ou mesmo equívoca; em contra-partida, se ele for analisado de múltiplos ângulos, então a sua apreensão é bem mais abrangente e conforme com a sua verdadeira realidade.¹⁴ Decorre daqui que a análise da Bíblia não deverá restringir-se apenas à vertente teológica, mas deverá chamar também para o seu domínio interpretativo a Arqueologia, a Paleoclimatologia, a História, a Sociologia, a Antropologia, a Medicina, a Epidemiologia, etc. – e, então, a inteligibilidade e coerência dos factos relatados será, manifestamente, mais correcta e esclarecedora. Todavia, importa considerar as óbvias limitações da utilização destes diferentes ramos do saber; assim, cada um deles deverá respeitar, escrupulosamente, a respectiva metodologia! Georges Devereux (1908-1985), um etnopsicanalista húngaro expatriado, descreveu, magistralmente, a problemática do comportamento/motivação (objectivo/subjectivo) tomando como exemplo a revolução na Hungria contra o regime soviético, e proclamou a complementaridade da “realidade sociológica” e da “realidade psicológica” (a fé inscreve-se neste último domínio), isto é, o ‘complementarismo’ opõe-se ao reducionismo dos ‘especialistas’, hoje em dia cada vez mais corrente no mundo científico¹⁴ – confronte-se, a título de exemplo, o “*Uomo universale*” do Renascimento com os

“*hémiplégiques du savoir*”⁴⁶ que as universidades estão actualmente a formar. Sobre um facto concreto é, pois, possível (desejável) formular discursos diferentes, com a condição de que eles não sejam concorrentes (que respeitem a sua própria metodologia, diremos nós) nem simultâneos. Ora, de acordo com a sua própria metodologia, por exemplo as ciências sociais só podem (devem) interpretar *comportamentos*, que não *motivações*, uma vez que estas relevam do domínio do subjectivo e, consequentemente, implicam o recurso à metodologia da Psicologia, da Psicanálise ou da Antropologia Psicanalítica (caso concreto, como visto supra, com a ‘praga’ da morte dos primogénitos). A interpretação teológica da Bíblia não é, pois, só por si, condenável: é até mesmo desejável e ‘complementar’ de qualquer outra interpretação; mas, os outros ramos do saber devem concorrer, outrossim, para o enriquecimento da análise dos textos bíblicos.

Em suma: contrariamente à versão em geral corrente, a origem do símbolo da Medicina não se situaria na antiga Grécia, mas antes no Médio Oriente. Demais, o animal simbólico da Medicina não seria uma serpente (um ofídio), e sim um parasita, um nemátodo, o *Dracontulus medinensis* ou “serpente de Medina”, verme cuja existência anda arredada do conhecimento de muitos médicos. ■

Bibliografia

1. Bíblia Sagrada. Lisboa: Sociedades Bíblicas Unidas, s. d.
2. Bíblia Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação. Lisboa: Difusora Bíblica, 2000.
3. Tora. Mem Martins: Sporpress, 2003.
4. Barnavi E. História Universal dos Judeus. Da Génese ao Fim do Século XX. Lisboa: Circulo de Leitores, 1992.
5. Barnes J. Nada a Temer. Lisboa: Quetzal, 2011: 96.
6. Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine. An Illustrated History. New York: Abroadale Press, 1987.
7. Rhymer J. Os Povos da Bíblia. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
8. Bruce FF. The Illustrated Bible Atlas. Jerusalem: Carta, 1994.
9. Vários. História dos Tempos Bíblicos. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1994.
10. Vários. Grandes Personagens da Bíblia. Dicionário Biográfico Ilustrado. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1997.
11. Kirsch J. Moses: A Life. New York: The Ballantine Publishing Group, 1999.
12. Steiner G. A Bíblia Hebraica e a Divisão entre Judeus e Cristãos. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
13. Gilbert M. Os 5000 Anos de História e Fé do Povo Judeu. Lisboa: Alétheia, 2006.
14. Devereux G. Ethnopsicanálise Complementarista. Paris: Flammarion, 1972.
15. McMichael AJ, Haines A, Slooff R, Kovats S, ed. Climate Change and Human Health. Geneva: World Health Organization, 1996.
16. Patz JA, Epstein PR, Burke TA, Balbus JM. Global climate change and emerging infectious diseases. *JAMA* 1996; 275 (3): 217-223.
17. Bouma MJ, Dye C. Cycles of malaria associated with El Niño in Venezuela. *JAMA* 1997; 278 (21): 1772-1774.
18. Acuna-Soto R, Stahle DW, Cleaveland MK, Therrell MD. Megadrought and megadeath in 16th century Mexico. *Emerg Infect Dis* 2002; 8(4): 360-362.
19. Graves R, Patai R. Los Mitos Hebreos. Madrid: Alianza Editorial, 2000.
20. Scholem G. A Cabala e a Mística Judaica. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990: 33.
21. Humphreys CJ. The Miracles of Exodus. A scientist's discovery of the extraordinary natural causes of the biblical stories. New York: HarperCollins Publishers, 2003.
22. Fraga de Azevedo J, Bento da Silva J, Coito AM et al. O foco português de schistosomíase. *Anais Instituto Medicina Tropical* 1948; 5: 175-222.
23. Colley DG. Ancient Egypt and today: enough scourges to go around. *Emerg Infect Dis* 1996; 2 (4): 362-363.
24. Vieira RA. Bilharziase. Notícias Médicas, 12 de Dezembro de 2001: 14-16.
25. Ruffer M. Note on the presence of Bilharzia haematobium in Egyptian mummies of the twentieth dynasty (1250-1000 B. C.). *BMJ* 1910; 1: 16.
26. Sourmia JC, Ruffie J. As Epidemias na História do Homem. Lisboa: Edições 70, 1986.
27. Deelder AM, Miller RL, De Jonge N, Krijger FW. Detection of antigen in mummies. *Lancet* 1990; 335: 724-725.
28. Miller RL, Armelagos GJ, Ikram S et al. Paleoepidemiology of Schistosoma infection in mummies. *BMJ* 1992; 304: 555-556.
29. Ahmad K. More deaths from Rift Valley fever in Saudi Arabia and Yemen. *Lancet* 2000; 356: 1422.
30. MMWR. Update: Outbreak of Rift Valley Fever – Saudi Arabia, August–November 2000. *JAMA* 2000; 284: 2989-2990.
31. Woods CW, Karpati AM, Grein T et al. An outbreak of Rift Valley Fever in Northeastern Kenya, 1997-98. *Emerg Infect Dis* 2002; 8: 138-144.
32. Wilcocks C, Manson-Bahr PEC. Manson's Tropical Diseases. London: Baillière-Tindall, 1974.
33. Praga de gafanhotos invade praias de Sagres: <http://www.agroportal.pt/x/agronoticias/2004/12/01e.htm> (consultado em Março de 2012).
34. Bellow Saul. Jerusalém, Ida e Volta. Lisboa: Tinta da China, 2001: 154.
35. Sarna N. Citado por: Humphreys CJ. The Miracles of Exodus. A scientist's discovery of the extraordinary natural causes of the biblical stories. New York: HarperCollins Publishers, 2003 : 137.
36. Róheim G. Psychanalyse et Anthropologie. Paris: Gallimard, 1967.
37. Devereux G. Essais d'Ethnopsychiatrie Générale. Paris: Gallimard, 1977.
38. Dolto F. A Psicanálise dos Evangelhos. Lisboa: Sociocultur, 1978.
39. Muensterberger W, edit. L'Anthropologie Psychanalytique Depuis “Totem et Tabou”. Paris: Payot, 1976.
40. Laplantine F. Etnopsiquiatria. Lisboa: Editorial Veja, 1978.
41. Freud S. Totem e Tabu (1913). Edição standard brasileira, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
42. Bellow Saul. Ravelstein. Lisboa: Teorema, 2001: 96.
43. Struckmann PR. Asclépios à Épidaure. Sources de la thérapeutique. In: Kasas S, Struckmann PR. Importants Centres Médicaux de l'Antiquité. Épidaure et Corinthe. Athènes: Editions Kasas, 1990.
44. Chevalier J, Gheerbrant A. Dictionnaire des Symboles. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1982: 792.
45. Friedlander WJ. The Golden Wand of Medicine: A History of the Caduceus Symbol in Medicine. New York: Greenwood, 1992.
46. Lecourt D. Rapport sur l'enseignement de la philosophie des sciences. Paris: Ministère de l'Éducation Nationale, 1999: 27.
47. Bourée P. Dictionnaire de Parasitologie. Paris: Edition Marketing, 1989.
48. Rota do Êxodo dos Judeus: <http://teachinghearts.org/dre00maps.html> (consultado em Abril de 2012).
49. Piekarski G. Medical Parasitology in Plates. Leverkusen, Germany: Farbenfabriken Bayer, 1962: 138, plate XXVI.
50. Peters W, Gilles HM. A Color Atlas of Tropical Medicine & Parasitology. London: Wolfe Medical Publications, 1991.